

## NUDISMO E DESEJO

Paulo Pereira da Silva

Desde que iniciei a prática do nudismo, algumas pessoas, dentro e fora do movimento, colocam abertamente a suposta questão do desejo, quer dizer: discute-se a correlação entre nudismo e interesse sexual; fala-se do possível estímulo ou indiferença entre os praticantes.

O impropriamente chamado “problema da nudez” está vivamente presente no cotidiano dos seres humanos, pelo menos desde o proclamado “paraíso”... A questão fundamental é a constatação, a consciência do estado de nudez. Diferentemente, por exemplo, dos animais, o homem civilizado percebe que está despido, e parece que sente seu ego ameaçado, revelado. Numa afirmação um tanto simples, a nudez é sempre castigada, como queria o dramaturgo Nelson Rodrigues. Verificamos, objetivamente, na prática, que a maioria dos indivíduos fala muito em revolução sexual, mas sem muita autenticidade.

Sabemos que a censura social tem enormes poderes castradores, inibidores. Numa comunidade convencional, hipócrita, desigual, a pessoa nua pode tornar-se alvo fácil, e acaba tendendo a esconder-se, a reprimir-se. Aceitando a reprimenda, o indivíduo busca compensações, e freqüentemente chega aos chamados desvios, inclusive ao da aparente indiferença, ao da falta de desejo sexual sadio. Por tudo isso, insisto em afirmar que nem todo homem nu é, na verdade, um nudista, inclusive porque o naturismo busca o equilíbrio sexual, mas nunca a castração da vontade.

Por outro lado, o que realmente confunde o observador menos atento é o fato concreto da presença nas reuniões nudistas do mundo inteiro, de uma considerável percentagem de cidadãos deslumbrados, alienados. São especialmente essas pessoas que mais facilmente confundem à idéia equívoca de que o nudismo causa obstáculo ao desejo, por uma razão muito clara: psicologicamente enfermas, sem real interesse pelo naturismo como filosofia, agem de forma oportunista, olhando a nudez com lentes desfocadas.

Na verdade, na mente de tais “nudistas” é como uma espécie de sala vazia, de saleta-de-espera escura, que parece não conduzir a lugar definido, mas a um fim qualquer que surja, desde que forneça a sensação de preenchimento... Para esses elementos, o nudismo vira mero pretexto; a nudez acaba sendo apenas um acessório, ainda que precioso. Como resultado, ocorrem atitudes extremas: sexo exacerbado ou sexo frio, banal.

A visão de corpos nus, em verdade, estimula, passa energia positiva, alivia tensões, e combate a curiosidade mórbida, a malícia obsessiva, além de constituir-se em legítimo prazer estético, como comprovamos, por exemplo, através da fotografia, da escultura, e da pintura de nus artísticos.

Para simplificar, poderíamos mencionar o caso de nossos índios, que, ao que se saiba, nunca deixaram de ter desejo, de praticar muito bem o sexo, mesmo vivendo em

estado de completa nudez. E a natureza nos fornece ainda outras inúmeras evidências: os diversos ciclos ou processos reprodutivos dos animais jamais foram prejudicados pelo fato deles não usarem roupas...

Que lição podemos tirar da observação isenta do nosso ambiente vital? Se, no homem, que não tem cio, o sexo não está limitado a procriação, por que, então, o hábito natural da nudez conduziria à banalidade, ao tédio sexual? Ninguém perde necessariamente o apetite por ver os alimentos... A nudez é um poderoso e saudável apelo para o sexo feliz, sem falsas culpas. Imaginar ingenuamente que alguém enjoa, deixa de sentir tesão, pela convivência assídua com pessoas despidas, é menosprezar a suprema sabedoria da natureza.

Fala-se igualmente em “esconder o essencial”, em “guardar o melhor” para um suposto momento propício... Ao colocar o problema desta forma, alguns críticos do nudismo acabam por reconhecer que, afinal das contas, sexo e nudez são especiais, essenciais. Eu diria: são sobretudo naturais. E a natureza desconhece conveniências moralistas. Não é escondendo o próprio corpo que o camarada fica isento do erro, ou passa a sentir-se acima dos instintos, um ser santificado... Na primeira novela de “Decamerone”, o cérebro Giovanni Boccaccio vai direto ao ponto: - ... Existem muitos homens, e igualmente muitas mulheres, tão tolos, que chegam a crer com muita firmeza nisto: que é suficiente colocar-se a branca touca monacal à cabeça de uma moça, e envolver-se-lhe o corpo no negro burel, para que ela deixe de ser mulher, e não mais sinta os desejos femininos...”

Em entrevista concedida à “Revista de Domingo” do Jornal do Brasil, em setembro de 94, a bailarina internacional Marcia Haydée dá aula de vida, de desassombro, e veste-se de exemplo inteiro, aos 57 anos, de amor ao natural. Praticamente de ioga zen budista, Haydée afirma que o exilir da juventude é a própria cabeça: e que a dança é essencialmente sensual, uma espécie de relação sexual em termos espirituais... E inclui, talvez para espanto de alguns autônomos, que está pronta a posar nua, pois considera que a nudez transcende à vaidade.

A pessoa nua é, afinal, a pessoa sem máscaras, livre de censura puritana, e da mera banalidade dos costumes. O nudista, como quer a Marcia Haydée, é o bailarino nu, que dança o mais notável bailado: o da natureza sem véus.

Verifica-se que a nudez social é uma prática agradável aos sentidos, que favorece, portanto, o desejo natural, e até as fantasias sensuais saudáveis, o que conduz, em última análise, ao equilíbrio físico-mental. Ao identificar a nudez com a grande verdade interior, o indivíduo assume-se por completo, sem os velhos obstáculos fabricados.

Se, em muitos casos, o nudismo leva ao doce sonhar, então sonhemos todos com espontaneidade, sem medo, sem pensar talvez em portarias moralistas; sonhemos de olhos bem abertos, mesmo que seja um pouquinho: é ótimo!

## INVASÃO DOS PELADOS

É tão simples o gesto que nos torna diferentes e nos alija para um mundo estranho, cercado de preconceitos e idéias preconcebidas.

Em uma praia de uso misto, o pequeno gesto de retirar um calção atinge frontalmente a maneira de ser de qualquer grupo. Os olhares se tornam direcionados, cuidadosos e até mesmo escusos; as conversas perdem a vivacidade; o comportamento corporal muda radicalmente, com o aparecimento de uma tensão que enrijece os músculos, e todos os desvestidos começam a ter cuidados com a posição do corpo, como se pretendessem exibir ou esconder qualquer coisa...

Em um campo naturista a situação é diferente, porque ali o mundo é outro e todos já venceram o momento do "grande gesto". Tirar a roupa seria um ato de integração ao meio.

Em um país retrógrado nas conquistas ambientalistas, como o Brasil, pauperrimamente dotado de áreas naturistas, o gesto de "tirar aquele escasso e último restinho de roupa" ainda é atitude para valentes. Aquele momento marca realmente uma transição, com amplos reflexos na área espiritual. Deixamos de ser "um na multidão" para a posição de "um rodeado pela multidão".

Situação realmente incômoda, onde de nada valem nossa filosofia e nossa sinceridade.

Em certa época histórica, perdida em uma praia distante, chegamos a ensaiar um "arrastão", como aqueles que acontecem no Rio de Janeiro. Foi a nossa "Invasão dos Pelados". Chegamos à conclusão que o fato notável é a retirada dos calções ou dos maiôs. O que fere é o ato de agredir as regras sociais e não a exibição de nossos corpos. Chegando nus à praia, somos aceitos de maneira mais natural.

Também experimentamos freqüentar a praia mais cedo, para criar nosso ambiente. Os demais, os que poderíamos chamar de parcialmente vestidos, vão se aproximando devagar e logo se amoldando à situação. Porém, nunca tiram a última peça. Deixam para chegar mais cedo no dia seguinte...

*Olmar Pereira*

